

O transgeracional, o incestuoso e os tempos do Édipo em *Pastoral americana*

Tudo acaba onde começou.

Raul Seixas

Abordar aspectos psicanalíticos em uma obra de arte é sempre um risco. As figuras humanas são representações de pessoas, não pessoas. Imagens de uma pintura, personagens de uma canção ou de um romance não podem confirmar nem refutar nossas hipóteses a respeito delas. Não é possível analisar um personagem, nem mesmo qualificar o peso das circunstâncias em que vive, já que não vive a não ser nas mentes do artista e de quem o recebe (aprecia, ouve, lê).

Comecei a imaginar que tinha em mãos um tema para estudo quando li, em um trecho de *Pastoral americana*, seu autor, Philip Roth (2013), referir-se à “tragédia do homem despreparado para a tragédia – esta é a tragédia do homem comum” (p.104). Em nossos consultórios, deparamo-nos sempre com a tragédia do homem comum.

Acredito ser possível acolher a obra de arte como sonho. Poderíamos então tomar nossas conjecturas como momentos transicionais (Winnicott, 1951/2000), quando transitamos entre o construído pelo autor e o estudado em psicanálise. A ilusão, segundo Winnicott, é necessária até mesmo para se chegar à realidade. Nossa leitura forma um campo onde é criado esse terceiro espaço.

Outra vantagem: conjecturar livremente, zelando pelo compro-

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

misso com a boa intenção científica, mas não com aquele que exige de nós sempre o melhor de nossas boas intenções técnicas. Haveria, a supor, uma ética no atendimento e uma outra ética na interpretação de uma obra ficcional. Aqui pode-se brincar ainda mais (ainda que por meio de uma história carregada de infortúnio), errar mais, e isso pode ser uma audácia favorável para a gestação de ideias. Nada de psicanalisar a arte, mas extrair dela algo para nosso espaço potencial. Procuo aqui seguir a recomendação de Mirza (2013) de “escrever a partir da psicanálise” (p. 135). Abordar aspectos psicanalíticos em uma obra artística, assim, já não me parece tão arriscado.

Uma certa inconveniência: o desafio de escrever para um leitor que não necessariamente teve contato com a obra estudada. Mas considero que também narramos situações clínicas a partir de vinhetas de atendimentos. Além disso, há sempre uma expectativa carregada na escrita de arrebatá-lo para a leitura do romance, e deixar menos só, em conjecturas, o solitário que escreve. Aí vai um resumo.

Pastoral americana¹

O personagem central é Seymour Levov, também conhecido como o Sueco, que na juventude havia sido um exímio jogador de – não um único, senão três tradicionais esportes nos EUA – basquete, beisebol e futebol americano. O eixo central da narrativa gira em torno dos acontecimentos, em meio à Guerra do Vietnã, que moveram sua filha Merry a realizar um atentado em um minimercado na pacata cidade americana em que viviam em Nova Jersey (Old Rimrock), e que resultou na morte de uma pessoa. Pode-se dizer sobre o Sueco: “Uma esposa linda. Uma casa linda. Cuida dos negócios como um brinco. Lida com seu quinhão de pai com muita competência” (Roth, 2013, p. 108).

O Sueco tenta identificar uma causa para o destino trágico: “Tinha de ser uma transgressão, uma transgressão específica, mesmo que fosse ele o único a identificar aquilo como uma transgressão” (Roth, 2013, p. 111).

A transgressão, aquela que explicaria todo o ódio, toda a loucura, teria ocorrido no dia em que o pai cede ao pedido da filha para que a beijasse como beijava sua mãe. A elucidação estava ali, o erro do pai estava esclarecido e a quebra da barreira do incesto naquele dia explicava todo o movimento destrutivo da filha, que já havia inclusive detonado outra bomba e matado outros três civis americanos.

Investigamos muito em psicanálise, e lidamos com muitas incertezas, mas há tempos desistimos (se é que um dia tentamos) a explicação unicausal. Percebo, então, bastante conveniente para o estudo psicanalítico a história contada por Roth: a complexidade do enredo

1. Roth, 2013.

afasta o leitor da morosidade de uma teoria que tudo explica. A narrativa cada vez mais se aproxima daquelas de que tomamos parte nos consultórios, com sua miscelânea de dramas, incertezas, multiplicidade de vértices e complexidade nas relações.

O elemento central, eu acho, está na relação incestuosa não interdita pelo narcisismo de um pai.

Algo que me soa como uma senha do autor: há uma festa em comemoração aos 45 anos de formatura da escola secundária. Quem participa é o narrador, Nathan Zuckerman. As lembranças, fartas, iluminadas, eram entremeadas com os inevitáveis temas da doença e da morte. “Vinte da nossa turma, mortos [...], dois do nosso time dos Destemidos” (Roth, 2013, p. 65). O fenômeno que se observa nesse ponto da leitura é que o assunto derivava para o tema da masturbação, revelando, até com certa comicidade, o paradoxo da transmissão entre gerações: “Fui eu que ensinei você a se masturbar, sabia disso?”. Anoto ao lado: é possível ensinar alguém a se masturbar? Se isso for possível, seria necessário? Mas o ciclo que desvela a reação narcísica às perdas está na sequência daquela conversa: doença/morte – masturbação – doença/morte – sexo. Parto do elemento central para formar novas ideias:

O narcisismo do Sueco

Não me refiro a um narcisismo que pudesse surgir a partir do estrelato, da fama que ele obteve no brilhantismo como jogador. Esse me parece um caminho narrativo que desvela ao leitor a base narcísica infantil do personagem, esta sim a que nos interessa. Mas há que se considerar que a vida do Sueco foi também formada por essa contingência. Ele foi uma referência que, como todo ícone do esporte, vive o fim precoce de seu potencial viril e que necessita muito fugir do drama da murchidão do corpo. Durante toda a leitura permaneço



Artists studio, 2019
©Anish Kapoor. All rights reserved DACS/SAVA 2020

com a lembrança de que ele havia sido proeminente em, não um, mas três esportes. Ídolo dos três. Casou-se com uma *miss*. E teve uma filha que matou um homem. Depois, outros três.

O transgeracional

A ideia que foi se formando ao longo da leitura tem relação com as mensagens projetadas sobre as gerações na família Levov: o conflito telescópico (Faimberg, 1988) de uma oposição de natureza religiosa. Penso que essa própria intolerância pode se formar a partir de uma barreira de natureza narcísica.

Em um diálogo ocorrido entre o pai do Sueco e sua então futura nora (o avô e a mãe de Merry), a pretendente do filho, não-judia, é submetida pelo sogro judeu a uma sabatina que procurava verificar o grau de cristianismo a que seria submetido um eventual filho do casal, com restrições impostas de um lado e passivamente assimiladas, não pela nora, mas pelo filho, o Sueco. Entendo essa rigidez como

uma patologia transgeracional, em que a carga projetada nas gerações seguintes vai se manifestar na transgressão paterna e na alienação da filha. Algo como um pai “casando” a filha com um judeu – consigo próprio – e a resgatando à religião reclamada pelo pai. Em fantasia, o filho teria, finalmente, uma esposa judia para satisfazer seu próprio progenitor.

Lembro aqui de Green (1988) quando esse escreve a respeito das crianças que são amadas com a condição de preencherem os objetivos narcisistas que os pais não conseguiram realizar. É no termo *condição*, usado pelo autor, onde localizo parte fundamental da patologia transgeracional.

Cassorla (2013, p. 54), em uma situação clínica, identificou a simbiose familiar e sua relação com a “transmissão transgeracional de defesas simbióticas”, a partir do parentesco em segundo grau dos pais de sua paciente. Aquelas famílias haviam vivido juntas por gerações.

A leitura das considerações de Cassorla me fez relacionar esse elemento simbiótico à excessiva carga de projeções familiares que aparece no romance: a pressão pelo casamento judaico nos Levov de Roth, reforça a defesa simbiótica em detrimento da subjetividade na eleição do par amoroso. O grau defensivo da manutenção de uniões dentro de um grupo étnico/religioso, longe de ser exclusivo das famílias judaicas, move, tal como na ficção de Roth, em algum indivíduo inserido na cadeia de transmissão, uma força contrária, decerto também excessiva, como forma de romper a simbiose e recuperar o componente privado comprometido com as necessidades do grupo familiar. Curiosamente, o tema da edição de *Calibán* em que está publicado este artigo de Cassorla é *Excesso*.

O incestuoso

Observo com atenção o subtítulo usado por Ferenczi em seu artigo “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933 [1932]/2011). Ele é: “A linguagem da ternura e da paixão”. O título original, depois modificado pelo próprio autor, é também esclarecedor: “As paixões dos adultos e sua influência sobre o desenvolvimento do caráter e da sexualidade da criança”. Continuo a leitura do romance de Roth (2013) ancorado no trecho em que Ferenczi (1933 [1932]/2011) faz a distinção entre a ternura do erotismo infantil e o apaixonamento do erotismo adulto:

O sentimento de culpabilidade, no erotismo adulto, transforma objeto de amor em objeto de ódio e de afeição, ou seja, um objeto ambivalente. [...] é justamente esse ódio que surpreende, assusta e traumatiza uma criança amada por um adulto. Esse ódio transforma um ser que brinca espontaneamente [...] num autômato, culpado do amor, e que, imitando ansiosamente o adulto, esquece-se por assim dizer de si mesmo. (Ferenczi, 1933 [1932]/2011, p. 121)

A Merry de Philip Roth é também o autômato de Ferenczi.

É tal a intensidade da transmutação de Merry em seu isolamento autoimposto, como se lê no trecho abaixo. (Roth, 2013):

[...] ela usava o véu a fim de não fazer mal algum aos organismos microscópicos que habitam o ar [...], não tomava banho porque venera toda vida, inclusive os vermes. Não se lavava [...] a fim de não fazer mal nenhum à água. Ela não andava de noite [...] com medo de esmagar sob os pés algum ser vivo, [...] que não será difícil imaginar que uma outra geração não poderá surgir a partir dessa mulher: nenhum homem poderá aproximar-se dela, que agora vive escondida em si mesma, refugiada dos excessos do mundo, fanatizada em nome da pureza. (Roth, 2013, p. 283)

Vale observar as considerações de Jeammet (2009); ele considera que a necessidade de dominação que direciona os adolescentes mais vulneráveis às suas restrições emocionais e às passagens ao ato instala-se como modo relacional defensivo, como uma tentativa de compensar uma fraqueza interna por um sobreinvestimento do objeto ou de seus substitutos e que são o *excesso* e a *rigidez* (grifos meus).

Penso mais a respeito daquele excesso, o beijo adulto entre pai e filha: vejo-o menos como necessariamente gerador de trauma do que como revelador de uma relação incestuosa geradora de trauma. Ou de repetidos traumas. Laplanche (2003) nos faz atentar às mensagens enigmáticas do emissor adulto e sua tradução/não tradução pelo receptor *infans*.

Vejo, assim, uma fantasia de inversão de papéis entre Merry e seus pais, assentida pelo próprio pai, como parte do que subsidia o grave adoecimento da menina. (Jones, 1913/1961; Sapisochin, 1999). Adiante na leitura, a revelação da fantasia nas palavras do narrador: “Ela se dirigia ao pai como se *ele* fosse o filho, e *ela*, a mãe” (grifos do autor).

Um trecho do romance de Roth (2013) parece desvelar o desejo narcísico infantil do Sueco e o caminho para a ausência de fronteiras, a paixão que não oferece limites:

Não quero olhar pela janela e ver o telhado do alpendre. Quero ver a terra. Quero ver riachos correndo em toda parte. [...] A gente segue adiante um pouco pela estrada e logo encontra cachoeiras. Não precisamos viver como todo mundo, podemos viver do jeito que bem entendermos, agora. Fizemos isso. Ninguém nos deteve [...], somos livres! (p. 372)

Nessa terra livre do Sueco, ele era um *Johnny Appleseed* (Johnny Semente de Maçã, na tradução em português), “que não era judeu, não era um católico irlandês, não era um cristão protestante – nada disso, [...] era só um americano feliz” (p. 381). O Sueco – identificado com a lenda americana que se desenvolveu a partir de John Chapman, um semeador de maçãs que viveu entre os séculos 18 e 19 (Puchko, 2017) – transmitia assim o seu *alter ego* à filha: “Todo ele era prazer físico. Tinha uma passada larga, um saco de sementes de macieira e uma afeição enorme, espontânea, pelas paisagens e, em toda parte que ia, espalhava sementes” (Roth, 2013, p. 381).

Já atento às mensagens transmitidas do adulto para a criança, releio com interesse o seguinte diálogo, iniciado por Merry ainda criança (Roth, 2013, p. 382):

- Quem foi que mandou ele fazer isso?
- Quem foi que mandou? Ninguém mandou, meu anjo. Ninguém precisa mandar Johnny Semente de Maçã plantar árvores. Ele faz isso por conta própria. [...]
- Ele tem filho?
- Claro que sim. E sabe qual é o nome da filha dele?
- Qual?
- Merry Semente de Maçã!

Estaria a filha pedindo ao pai que transmitisse a ela a cultura que a preservaria do impulso destrutivo? A que veta semear livremente a partir da necessidade narcísica? O pai caminha a passos largos em direção a uma terra livre de interdição. Ele semeia ao seu bel-prazer. Percebo uma comunicação contundente transmitida em “ninguém precisa mandar Johnny...” plantar maçãs. Maçã: o fruto proibido.

Johnny Appleseed²

E este “ninguém precisa mandar”? Seria também um recado ao pai que impõe seu narcisismo à terceira geração, o pai-avô objetivante, no termo usado por Lacan? (Lacan, 1966/1998a).

A relação da demanda narcísica com o aspecto transgeracional aparece no trecho:

Não admira que o Sueco não conseguisse parar de falar. Era impossível parar de falar. O Sueco estava sucumbindo ao desejo humano comum de viver de novo no passado – passar alguns momentos auto ilusórios, inofensivos, no salutar ambiente de vida dura do passado, quando a família resistia graças a uma verdade de maneira alguma fundada em incitar a destruição, mas sim esquivar-se e sobreviver à destruição. (Roth, 2013, p. 152)

Sucumbindo o Sueco a sua passionalidade, a filha do Sueco sucumbiu à sua própria.

Ainda antes, encontro uma referência à interdição, que não pôde ser suficientemente bem exercida.

Havia muita bronca a fim de garantir a obediência; a capacidade adolescente de sublevação era mantida sob controle por meio de mil exigências, prescrições, proibições – limites que se mostravam insuperáveis. Um deles era a nossa própria avaliação, bastante realista, daquilo que representava o nosso principal interesse; outro, a decência impregnante daquele tempo, cujos tabus trazíamos presos entre os dentes desde o nascimento; sem falar na ideologia, convertida em lei, do auto sacrifício dos nossos pais que drenava em nós a fonte da

2. Para conhecer a lenda de Johnny Appleseed como contada nos Estados Unidos, sugiro acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=77nEkcwIoos&feature=share>

rebelia temerária e despachava para o subsolo quase todos os desejos indecentes (Roth, 2013, p. 55).

O incestuoso, pelo olhar das traduções

O corpo da filha está na mente do pai, o que direciona para a relação incestuosa:

Os pés descalços, acolchoados como as patinhas de um animal. Novos e sem uso, seus pés imaculados [...]. Não era gorda. Sem um grama a mais em parte alguma. A fenda, como se uma sovela a tivesse torneado – aquela dobra lindamente biselada que mais tarde irá desabrochar, evoluindo, no decurso de um ciclo de tempo, até se tornar uma vagina de mulher, dobrada como um origami. (Roth, 2013, p. 328)

O que penso é em uma falha paterna, próximo ao que Lacan (1966/1998b) aborda a respeito do segundo tempo do Édipo, quando encontro a seguinte passagem do romance:

[...] no relaxamento do corpo dela nos braços do Sueco, Merry atíca um instinto de segurança tão abundante que deve andar próximo daquilo que Dawn diz que sentia quando estava amamentando [...]. E embutido nisso sempre se encontra a noção de que não está indo longe demais, de que não pode ir, de que se trata de uma liberdade enorme e um enorme prazer, o equivalente ao vínculo da amamentação entre Dawn e Merry. (Roth, 2013, pp. 329-330)

Penso que ao equivaler sua relação com a filha àquela própria do primeiro tempo do Édipo, o pai falha em realizar a função da castração simbólica (Lacan, 1966/1998b).

Insere-se na relação com a filha mais como um pai que se regozija na sucção do bebê e no leite que oferece.

A esse respeito, escreve Bleichmar (1984): “para que haja privação efetiva do objeto fálico, é essencial não só que a mãe troque o filho pelo pai, como também que este não fique situado como totalmente dependente do desejo da mãe” (p.45).

Em Lacan (1966/1998b) encontro: “a própria menina se considera, nem que seja por um momento, castrada, na acepção de privada de falo, e castrada pela operação de alguém, que primeiro é sua mãe, ponto importante, e em seguida seu pai” (p. 693).

Volto aqui a Laplanche (2003), quando este fala no fracasso radical da tradução e sua relação com o aspecto psicótico, onde “nada é traduzido, a mensagem original permanece tal qual no aparelho psíquico, implantada ou intrometida” (p. 408): o inconsciente encravado. Procuro relacionar à situação de Merry e acho que encontro quando leio: “O fracasso da tradução pode ter por resultado especialmente uma transmissão tal qual, intergeracional, sem nenhuma metabolização” (p. 408). Como pensarmos essa relação tão fortemente incestuosa? Aquele beijo é a revelação de antigas mensagens sexuais

enigmáticas? É também resultado do fracasso radical da tradução?

O modelo tradutivo de Jean Laplanche (o não-traduzido encravado), faz sentido aqui ao considerar o destino de Merry: “os códigos inatos ou adquiridos de que o *infans* dispõe são, então, insuficientes para fazer face a esta mensagem enigmática. A criança deve recorrer a um novo código, ao mesmo tempo improvisado por ela e buscado nos esquemas fornecidos pelo meio cultural” (p. 407).

É curioso que o local em que Merry arma a primeira bomba, o mercadinho da vila, é o local em que o pai vivia momentos de intensa fruição: a primeira coisa que ele fazia no fim de semana, depois de ter substituído a excitação esportiva pela contemplação no campo, era caminhar os oito quilômetros até a vila e os oito quilômetros de volta para casa a pé, pensando, no caminho, no semeador de maçãs com enorme prazer. “O puro, radiante e incontido prazer de caminhar a passos largos. “O que ele estivera lá fora fazendo no caminho, [...] não tinha coragem de confessar francamente [...], era fazer amor com a própria vida” (Roth, 2013, p. 383). Merry explode o santuário de prazer do pai.

Há na realidade duas explosões executadas ao longo da história: penso que foram detonados o judaísmo e o júbilo paterno. Ou, mais especificamente: o judaísmo imposto e o livre semear orgástico do pai.

Vou pesquisar então sobre o *jainismo* (Hinnells, 1984), religião a que Merry recorre como seu novo código (Laplanche, 2003), e que tem como preceito principal a ausência de Deus como criador ou figura central. A fim de se purificar, o *jaina* propõe um extremo ascetismo e a doutrina da não violência. O próprio Mahavira, fundador do movimento na Índia, teria tido uma vida de luxo antes de se tornar um mendigo errante.

Nessa história de vida do Mahavira algo me remete à do Sueco: o luxuoso e abastado luminar em vida que se torna o caminhante semeador em fantasia.

Descubro também que o *karma* da tradição *jaina* é concebido como uma *substância física* que se agrega a uma alma. As partículas de *karma* existem no universo e, devido às ações dessa alma, associam-se a ela.

A alma da filha, a substância física do pai.

Encontro outro elemento carregado de forte simbolismo: as cerimônias jainistas começam e terminam com o desenho da cruz suástica, emblema encampado pelo nazismo, usurpado de antigas religiões da Índia (Chevalier e Gheerbrant, 1988/2015). Em seu significado milenar, a suástica é símbolo de ação e de perpétua regeneração. Penso na adoção de um código religioso que abarca, ao mesmo tempo, as mensagens de regeneração e de expurgo, não dos judeus, mas do judaísmo. Um expurgo atuado pelo ódio de Merry e veiculado pelo signo amalgamado, meio jaina, meio nazi, meio destrutivo, meio libertador. Há um avô concebendo sua neta como judia, apenas. Não

há espaço para a subjetividade de Merry nessa transmissão. Ela é incapaz de absorver o fardo maciçamente projetado: o judaísmo se converte em jainismo; a paixão, em ódio, sacrifício e morte.

A mãe está morta?

A interpretação do romance neste trabalho foi feita quase inteiramente a partir da relação pai e filha. Pelos tempos e pelos caminhos do Édipo, se pensarmos em Lacan; ou pelas mensagens carregadas pela sedução generalizada, como propõe Laplanche.

Há possibilidade para mais conjecturas: onde está a mãe? Lançando o olhar para Dawn, a mãe que vive internações psiquiátricas por depressões severas, pressuponho um outro estudo. Nele, seria possível uma aproximação às considerações de Green (1988), que enuncia a depressão da mãe como a possibilidade explicitável de uma retirada materna. A perda de sentido, mais que a perda de amor, catastrófica para o bebê, pode sobrevir no momento em que a criança descobre a existência do pai. Esse novo investimento poderá ser interpretado como a causa do desinvestimento materno, engendrando assim, Green esclarece, um Édipo precoce e defeituoso. Ao considerar a relação com o pai, chega-se à mãe. Ao observar-se a mãe, voltamos ao pai.

Uma privação e uma perspectiva

Entendo que há determinadas senhas do autor em um texto, não necessariamente conscientes, que são como convites para a criação de hipóteses pelo leitor. Uma delas, que me parece muito relevante aqui, surge no trecho em que Roth (2013) expõe uma falta: “Quando o Sueco era criança, não havia nenhuma obra de arte pendurada nas paredes de sua casa – não existira arte na sua casa, assim como na casa de Dawn” (p. 391). Penso no ódio da menina como fruto de uma dinastia da concretude, carregada por ambos os troncos familiares, em que pouco parece transitar pela criação. O simbólico perde espaço em favor do corpo, esse utilizado com grande êxito pela competitividade esportiva do pai e pela próspera beldade da mãe. Se a arte surge como necessidade de expressar também o que vem do corpo, sua privação devolve tudo para o corpo. Segundo Jeammet (2009), a destruição é a criatividade do pobre, a considerar por pobre, aquele que se sente em situação impossível e tomado de passividade.

Eis que Seymour Levov procura um escritor para ajudá-lo na historização. Há uma perspectiva de retorno ao que pode ser historizado e então transformado. Como em um tratamento analítico, um homem comum conta sua tragédia a outro homem, que desenha uma narrativa, ajudando-o a trilhar o caminho de volta do corpo para a história. Agora, o Sueco já não é mais um ser errante. O Sueco tem uma história.

A perspectiva esperançosa, o sinal de “bom prognóstico” contido nesse processo narrativo: Levov volta a ser pai em um segundo casamento, agora de três meninos. Sueco parece estar tentando restituir à humanidade os homens que morreram, esses quicá menos sujeitos ao trauma das gerações, ao automatismo (Ferenczi, 1933 [1932]/2011) de “fios elétricos desencapados” (Jeammet, 2009). Esses meninos serão homens cuidados por um pai que um dia mirou para além do seu narcisismo e pôde recuperar-se em direção à vida.

Afinal, uma consideração lúdica

Iniciei o trabalho falando sobre a liberdade de brincar com as ideias. Após reler o texto na íntegra, um sonho diurno me surge em momento de descanso da escrita, e ele se liga às ideias trabalhadas nesse texto. Imagino Philip Roth, Raul Seixas e Jean Laplanche reunidos. Além deles, vejo um violão, uma garrafa de Château de Pommard e duas, talvez três taças. Já quase amanhecia o dia:

- Então, Philip, alguma ideia para um romance?
- Acho que sim, Jean. Gostei muito daquele seu assunto sobre traduções. É sobre um homem despreparado para a tragédia. Ei, Raul, como chamam você no Brasil? *The beautiful mad*?³ Diga em francês, Jean!
- Mostre seus rabiscos para nós, *Dingue Beauté*!⁴ Acho que é por aí, Philip, mas você sabe como são traduções...
- Já tenho letra e melodia, meus amigos. Jean, seu vinho não é melhor que absinto, mas é bom. Ouçam: “todos os caminhos são iguais, o que leva à glória ou à perdição. Há tantos caminhos, tantas portas, mas somente um tem coração. Cada um de nós é um universo, mas tudo acaba onde começou. É que tudo acaba onde começou” (Seixas e Coelho, 1976)⁵.

Resumo

O autor desenvolve ideias relacionadas à telescopia de gerações e ao elemento incestuoso, surgidos a partir da leitura do romance *Pastoral americana* de Philip Roth (2013). Na ficção, uma jovem detona uma bomba em um minimercado, matando um homem. A relação passional entre pai e filha e as projeções da constelação familiar são exploradas em conexão a ideias trabalhadas por Ferenczi, Faimberg, Green, Jeammet, Lacan e Laplanche, em especial no que se refere aos conceitos de sedução generalizada e castração simbólica. O autor trabalha, ainda, com o que denomina de “dinastia da concretude” onde o corpo toma o lugar do simbólico e a criatividade está abolida. A perspectiva alentadora contida na obra de Roth passa por um movimento de transformação pela historização:

3. Em português, *Maluco beleza*, alcinha de Raul Seixas (1945-1989), cantor e compositor brasileiro, autor de *A maçã*, *Ave Maria da rua* e *Meu amigo Pedro*, entre outras músicas.
4. Equivalente em francês a *Maluco beleza*.
5. Trecho da letra de *Meu amigo Pedro*, música composta por Raul Seixas e Paulo Coelho.

como em um tratamento analítico, um homem conta sua tragédia a outro homem que desenha uma narrativa ajudando-o a trilhar o caminho de volta para a criação.

Palavras-chave: *Transgeracional, Telescopia de gerações, Castração simbólica, Historização, Sedução generalizada. Candidata a palavra-chave: Incestuoso.*

Abstract

The author develops ideas related to the telescoping of generations and to the incestuous elementarising from the reading of the novel *American pastoral*, written by Philip Roth. In fiction, a young woman detonates a bomb in a mini-market, killing a man. The passionate relationship between father and daughter and the projections of the family constellation are explored in connection with ideas worked out by Ferenczi, Faimberg, Green, Jeammet, Lacan and Laplanche, especially the concepts of generalized seduction and symbolic castration. The author also works with what he calls the “dynasty of concretion”, where the body takes the place of the symbolic and creativity is abolished. The encouraging perspective contained in Roth’s work goes through a movement of transformation through historization: as in an analytical treatment, a man tells his tragedy to another man, who draws a narrative, helping him to trace the path back to creation.

Keywords: *Transgenerational, Telescoping of generations, Symbolic castration, Historicizing, Generalized seduction. Candidate to keyword: Incestuous.*

Referências

- Bleichmar, H. (1984). O Édipo em Lacan 2. Em E. de Oliveira Diehl (trad.), *Introdução ao estudo das perversões: Teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cassorla, R. M. S. (2013). O analista, seu paciente adolescente e a estupidez no campo analítico. *Calibán*, 11(2), 43-64.
- Chevalier, J. e Gheerbrant A. (2015). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio. (Trabalho original publicado em 1988).
- Faimberg, H. (1988). The telescoping of generations: Genealogy of certain identifications. *Contemporary Psychoanalysis*, 24(1), 99-118.
- Ferenczi, S. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. Em S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise* (vol. 4). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).
- Green, A. (1988). A mãe morta. Em C. Berliner (trad.), *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Hinnells, J. R. (1984). Dicionário. Em O. Mendes Cajado (trad.), *Dicionário das religiões*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Jeammet, P. (2009). A adolescência hoje, entre liberdade e imposição. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 16(2), 219-234.
- Jones, E. (1961). The phantasy of the reversal of generations. Em E. Jones, *Papers on psychoanalysis* (pp. 407-413). Boston: Beacon. (Trabalho original publicado em 1913).
- Lacan, J. (1998a). A agressividade em psicanálise. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 101-126). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998b). A significação do falo. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Laplanche, J. (2003). Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da sedução generalizada. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 10(3), 403-418.

Mirza, M. L. (2013). Escrever a psicanálise?. *Calibán*, 11(1), 129-135.

Puchko, K. (26 de setembro de 2017). *Nine facts that tell the true story of Johnny Appleseed*. recuperado de <http://mentalfloss.com/article/62113/9-facts-tell-true-story-johnny-appleseed>.

Roth, P. (2013). *Pastoral americana*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1997).

Seixas, R. S. e Souza, P.C. (1976) – Meu Amigo Pedro Em *Há 10 mil anos atrás* [disco], Rio de Janeiro, Philips Records.

Sapichin, G. (1999). “My heart belongs to daddy”: Some reflections on the difference between generations as the organiser of the triangular structure of the mind. *The International Journal of Psychoanalysis*, 80(4), 755-767.

Winnicott, D. W. (2000). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. Em D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951).

Miguel Calmon du Pin e Almeida*

Amabam amare e a erotomania

1.

Amabam Amare – *amavam amar* – é uma expressão latina que significa amar a ideia de estar amando o amor. Santo Agostinho descreveu-a entre 397 e 398 d. C. como pura idealidade, em nada carnal. Ideal do amor puro, sem pecado.

E assim, diante de um tal desejo de pureza, vemo-nos frente a uma heresia: será verdadeiro que, a despeito das aparências e da experiência comum, amar só seja possível quando tem por precondição ter sido amado ou, pelo menos, acreditar ter sido amado?

Que a função sedutora do amor, assim como a função amorosa da sedução, estejam de algum modo presentes no jogo e na ilusão me parece incontestável, em que pese não serem companhias que gozem de boa reputação, em virtude de estarem a serviço da arte de enganar. Ao mesmo tempo, a função de atração é essencial na medida em que coloca em jogo, fantasmática e afetivamente, o dinamismo pulsional.

A intenção que move esta reflexão é a de cotejar a travessia pelo deslumbramento do *amabam amare* como uma idealidade a ser ultrapassada na realização do amor e a fixação do ideal na erotomania. Isto é, debater acerca de quando esta idealidade não é travessia, mas algo que, por se manter atravessado, impede a experiência do amor.

Na erotomania, na medida em que a experiência das perdas resultantes do complexo de Édipo (e em razão da fragilidade recém-adquirida de sua estrutura) obriga a organização genital à regressão

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.